

debate: experiências
de revistas
produzidas por
estudantes

Mediação: Mario Tommaso

Transcrição: Ana Lúcia Lins B. dos Santos

Palavras-chave:

Periódicos acadêmicos. Produção discente. Ensino Superior. Editoração. Avaliação.

Keywords:

Serial publications. Student production. Higher education. Publishing. Evaluating.

A equipe de Opiniões convidou colegas¹ de outras revistas discentes para trocar ideias sobre o trabalho de edição no contexto acadêmico. As falas que seguem foram registradas durante o encontro, ocorrido no dia 17 de junho de 2010, ao final da tarde.

O leitor encontrará relatos de experiências diversas, que muitas vezes perpassam dificuldades comuns: a fundação e a continuidade dos projetos, a burocracia, o envolvimento do corpo editorial. Sob outros aspectos, como relações institucionais, política editorial e avaliação da universidade, o leitor poderá observar certas divergências.

Procuramos preservar a qualidade oral das intervenções, que receberam alguns poucos ajustes na passagem para o escrito. Em seguida, algumas complementações foram pedidas aos editores e aqui servem de "coda" à discussão. Agradecemos aos colegas pela participação e esperamos apenas iniciar, com esse evento, um debate sobre temas que, mesmo pouco noticiados, consideramos de grande importância para refletir sobre as atividades no âmbito do Ensino Superior.

MARIO TOMMASO (OPINIÕES): Boa noite a todos. Para fazer o lançamento da *Opiniões*, a gente resolveu fazer um debate com outros editores de revistas como a nossa, de estudantes. Vamos falar seguindo a ordem alfabética dos nomes das revistas. Cada um pode falar um pouco da sua experiência, dos desafios que tem encontrado, dos problemas, das soluções possíveis, das conquistas. Eu sei que é ruim pedir pra vocês serem breves. A gente sempre reclama de ter pouco tempo de fala nos congressos, dessas imposições, dessa pressão no pensamento. Mas o tempo hoje é curto mesmo, vai ter aula às sete e meia nesta sala, então, por favor, vamos ser concisos.

FERNANDO RIBEIRO (ANGELUS NOVUS): A gente vem de instituições diferentes, tem opiniões diferentes

sobre o trabalho. Então, a ideia principal é propiciar o diálogo. Foi a ideia que nos moveu a fazer a publicação. A característica principal da nossa revista é o sistema eletrônico que a gente seguiu, que é o Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas, um sistema recomendado pela Capes, que inclusive a revista da UnB, se não me engano, segue. E por que a gente seguiu esse parâmetro? Uma das dificuldades, provavelmente de todas as revistas, é o espaço físico, o problema de endereço. Depende do endereço da secretaria do departamento, que às vezes encaminha e às vezes tem dificuldade de encaminhar correspondência. Porque é um grupo, cada um numa sala, então nesse ponto fica mais fácil pelo sistema eletrônico. Nós não optamos por fazer uma publicação impressa, primeiramente, pelas dificuldades de pôr em prática isso. Depois de 2001, em que houve uma revista de estudantes, a *Revista Temporaes*, houve um período de nove anos sem publicação nenhuma de estudantes [na História-USP]. Aconteceram vários projetos, mas que não acabaram resultando em nada concreto. A gente teve uma pequena descrença em relação a qualquer projeto de criação de revista. Então, para a publicação ficar mais fácil, a gente conseguiu um domínio pelo CCE e pensou também na publicação virtual, pelo fato de ser mais fácil a divulgação; a gente pensou também pelo espaço, ter uma divulgação nacional. A gente recebeu trabalhos de vários lugares, tanto gente do Nordeste quanto do Sul, do Norte; a gente também procurou entrar em contato com professores dessas instituições para dar uma abrangência mais nacional, para não ficar tão limitado à nossa área de conhecimento... nem ficar limitado também a uma coisa muito regionalizada.

Eu acho que uma coisa que seria interessante discutir, já que estamos numa troca de experiências e experimentações, seria o problema que a gente está levantando, agora, que é o de continuidade. A gente é um grupo de pós-graduandos, tem alunos de mestrado e de doutorado, que um dia vão sair da USP e talvez de

São Paulo, indo para um estado diferente. Inclusive a *Revista Temporaes*, antecessora da *Angelus Novus*, teve a primeira, segunda e terceira geração, com características diferentes, e morreu. Porque os alunos, mais ligados à graduação, se formaram, seguiram com a vida... e a revista não teve continuidade. Então, como a gente vai fazer essa renovação do conselho editorial? Porque é difícil, porque a gente já briga... no começo, tem várias pessoas, tem pessoas que se interessam mais e menos. Não é um trabalho fácil, a gente tem a rotina de qualificação, de defesa... eu mesmo estou com esse problema agora... [risos] Mas a gente tem de abrir uma brecha de tempo pra isso, e nem sempre as pessoas estão disponíveis... Elas não entendem muito bem qual é esse processo de pensar a publicação, de correr atrás de serviço, de lembrar ao parecerista de entregar [os pareceres], que é a parte mais complicada... E o processo de editoração, que não é tão simples. Então, a proposta parece atraente em teoria, mas na prática não é tanto assim.

ANDRÉ-KEES SCHOUTEN (CADERNOS DE CAMPO): Boa noite a todos. Antes de mais, eu gostaria de parabenizar a comissão editorial da *Opiniões* pela bela revista que está sendo aqui lançada. Em minha opinião, como aluno de pós-graduação e editor de uma revista de alunos, é sempre bem-vinda a notícia do surgimento de uma publicação dessa natureza, resultado do trabalho do corpo discente de um programa de pós-graduação.

Tentarei aqui falar um pouco da experiência da nossa revista, a *Cadernos de Campo* – revista dos alunos de pós-graduação em Antropologia Social. Na verdade, a *Cadernos de Campo* é uma revista razoavelmente antiga, pois existe desde 1991, sendo a primeira revista de alunos de pós-graduação da área de Ciências Sociais criada no Brasil, mantendo uma certa regularidade ao longo desses anos. A revista tem uma história de idas e vindas na sua condução. Eu acho interessante destacar o seguinte: a *Cadernos de Campo* sempre foi uma revista dos alunos, sempre teve isso como sua

característica, mas a sua política editorial mudou ao longo do tempo. Inicialmente ela surge como um modo de publicar os trabalhos dos alunos do departamento, sobretudo. No momento de sua criação, havia uma necessidade dos alunos divulgarem os seus trabalhos, e não havia muito espaço na nossa área, na Antropologia, para que eles fizessem isso. Então a revista surge com essa intenção. E isso se manteve por quase uma década, ou um pouco mais, a publicar exclusivamente, ou quase exclusivamente, os trabalhos dos alunos do departamento. Esse modelo, de certa maneira, foi se esgotando. Nesse meio tempo, surge a avaliação Qualis, que passou a exigir, entre outras coisas, uma variedade institucional das colaborações, uma diversidade de autoria. Diante disso, do esgotamento do antigo modelo e do surgimento da avaliação Qualis, a revista muda sua política editorial. Hoje, na verdade, a gente faz exatamente o contrário do início, procurando publicar preferencialmente trabalhos de outras regiões, de outros programas de pós-graduação, em certo sentido tendo a avaliação Qualis como norte, que às vezes a gente vê com maus olhos, mas, no caso da *Cadernos de Campo*, a avaliação de certa maneira nos deu alguns parâmetros e ajudou a esclarecer pontos relativos à condução do processo editorial, como é o caso da importância da avaliação por pares, por exemplo. E ajudou bastante na organização do trabalho e na sua continuidade ao longo dos últimos anos. Então, hoje em dia, estamos nessa situação.

A *Cadernos de Campo*, assim como a *Angelus Novus*, sempre priorizou a ideia do processo, e acho ser esta a parte mais interessante da participação numa revista de alunos. Na comissão sempre destacamos muito o caráter pedagógico da revista, quero dizer, o fato de colocar os alunos em contato com o processo editorial, que se dá em duas frentes: uma, no próprio ofício editorial, quer dizer, aprender a produzir uma revista, entender como funciona o processo editorial, de dentro, participando da comissão editorial; mas, também, como autor, pois você tem uma visão

de como funciona o processo. Obviamente, faz parte do trabalho acadêmico escrever e submeter trabalhos a publicação, e eu acho que a participação numa comissão editorial é bastante interessante para acalmar os ânimos, digamos assim. Porque às vezes a gente não entende direito como funciona o processo, e fica ansioso com a demora, porque é um processo bastante demorado; trabalhando na comissão editorial você consegue entender um pouco os motivos dessa demora, como, por exemplo, as dificuldades em conseguir pareceristas. Mas, diferente da *Angelus Novus*, como a *Cadernos de Campo* surge num momento em que ainda não existia a *internet*, ela surge como uma revista impressa e isso, de certa maneira, tem sido recentemente uma amarra, e há alguns anos estamos tentando a publicação virtual da revista. E uma amarra por quê? Porque, pelas exigências da Qualis, uma revista que nasceu impressa, a sua versão virtual precisa corresponder à versão impressa, ou seja, precisa continuar tendo seu suporte físico. Nesse ponto, acho que a *Angelus Novus* faz muito bem ao se propor desde o início como uma revista eletrônica, justamente por força de toda burocracia e das dificuldades, especialmente quanto à obtenção de financiamento para a impressão da revista. Na verdade, a gente descobriu o SEER (Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas) recentemente, quando soubemos da existência da *Angelus Novus*. Nós temos alguns números disponíveis no *site* do departamento; mas descobrimos, na última avaliação Qualis, que isso não basta para atender aos critérios Qualis, porque, justamente, precisaria participar de um banco de periódicos (como o Scielo, por exemplo), e não apenas estar disponível na rede. Assim, no momento estamos tentando conseguir um domínio (junto ao CCE/USP) para fazer a implementação do sistema de modo a atender aos critérios da avaliação Qualis no que diz respeito à publicação eletrônica. E, muito provavelmente, a gente vai usar o SEER, que parece muito interessante, porque além de gerir um *site* para a disponibilização do material, acho que o que ele tem de mais interessante é um sistema

de administração do processo editorial. Atualmente a gente faz isso, digamos, artesanalmente: os membros da comissão têm de ficar controlando prazos e tudo mais, manualmente. Pelo que eu entendi do SEER, ele próprio faz isso, e acho que isso dá uma agilidade maior ao trabalho editorial, sobretudo para uma revista de alunos, que não têm uma estrutura burocrática mais sólida, digo, de funcionários para cuidar disso.

Bom, acho que uma última coisa, um pouco entrando na questão que o Fernando colocou aqui quanto ao desinteresse dos alunos em participar das comissões... Na verdade, a gente teve, há alguns anos atrás, em 2005, uma mudança radical na política de ingresso na comissão editorial da revista. Até então, o que você tinha era um grupo de alunos, uma comissão de alunos do programa, mas não havia a possibilidade de entrada regular na comissão, como praticamos agora, com convites anuais de ingresso, aberto a todos os alunos do programa. Na verdade, as pessoas entravam por convite e indicação, e a revista, em 2005, quase deixou de existir porque praticamente toda a comissão editorial se desfez, momento em que um último membro da comissão resolveu convocar uma reunião aberta, convidando todos os alunos do programa, e a partir de então decidimos fazer desse modo. Quer dizer, atualmente nós temos uma comissão editorial, em média, composta por dez, doze editores, que obviamente, por conta de todas as demandas de alunos de pós-graduação, têm participações com intensidades diferentes. Mas a gente consegue tocar o trabalho e editar um número por ano com essa quantidade de editores. Desse modo, pela nossa experiência, acredito que o que atrai bastante os alunos para o trabalho na revista é justamente o cuidado e a seriedade com o trabalho. Para quem está numa comissão, acho que isso é o mais importante, ou seja, levar o trabalho a sério, pois isso atrai o interesse dos outros alunos para a comissão, para a revista. Nessa comissão atual, um amigo que acabou de ingressar me disse algo assim: "estou vindo para a revista por

ver o empenho e dedicação de alguns de meus amigos aqui". Então, um pouco do incentivo para novos membros vem desse empenho no trabalho. Isso ajuda a manter a revista.

SAMIRA MURAD (CRIAÇÃO & CRÍTICA): Boa noite. Como duas pessoas já falaram, agora vou tratar, um pouquinho, das diferenças. Muita coisa do que aconteceu com a gente nessa experiência da revista é parecida, mas por outro lado tem algumas particularidades, porque nossa revista é ligada à área do Francês, mas não é oficialmente do Programa de Pós do Francês. Ela está ligada, na verdade, a um grupo de pesquisa, o Criação & Crítica, por isso não tem nenhum apoio, nenhum patrocínio, em termos financeiros, do departamento. Temos alguns professores da área na comissão editorial, mas a revista não é a revista oficial dos alunos do programa de Francês. É aí que entram as particularidades. Por exemplo, a gente não tem muito esse problema de continuidade. Pelo menos até agora, a gente não pensou muito nisso, porque somos um grupo de pesquisa. E, independentemente do estágio da pesquisa das pessoas, somos um grupo relativamente estável: as pessoas, mesmo terminando suas pesquisas, continuam participando do grupo.

Mas tem também outras coisas muito semelhantes. Ela surgiu, dentro do âmbito do grupo, de uma necessidade de pensar um espaço para a publicação dos novos pesquisadores, de jovens pesquisadores. Nesse sentido, ela é uma revista dos alunos, mas nunca foi apenas isso; só o primeiro número é que foi feito como um número "interno", os outros sempre foram abertos à pesquisa. A gente tentou fazer um trabalho de divulgação bastante grande, para tentar receber trabalhos, contribuições de outras pessoas, de outros lugares. Então a gente sempre teve, desde o começo, contribuições de artigos do Nordeste e de outros lugares. No nosso número 4, a revista ficou um pouco mais endógena, com muitas publicações da USP; na verdade, ela foi menos endógena no começo, e agora

está ficando um pouco mais. Nós sabemos isso porque também estamos preocupados com os critérios da Capes, em saber as proporções.

A ideia da revista surgiu em 2008, como uma tentativa de criar um espaço para jovens pesquisadores. Foi um pouco baseada numa revista francesa ligada ao ITEM (Institut de Textes et Manuscrits do CNRS) chamada *Recto/Verso*, também uma revista de jovens pesquisadores, ligada a um grupo de pesquisa na França. E aí a gente pensou em ter esse espaço de pesquisa. A gente recebeu contribuições de vários lugares, e a ideia era aprender a lidar também com essa questão da editoração, aprender um pouco como é o esquema de publicação, entender como esse processo pode ser demorado. Na verdade a gente tentou pensar como essa experiência da revista seria uma experiência boa, no âmbito da vida acadêmica. A gente também decidiu que ela seria uma revista *on-line*, nunca foi pensada para ser uma revista no papel. Por quê? Porque os custos são menores, daí a gente não tem necessidade tão grande de apoio financeiro da universidade, e aí acaba tendo mais espaço para manobrar, mais liberdade para o que a gente quer fazer. Tem espaços da revista nos quais a gente está pensando em publicar outros tipos de mídias que não só textos, porque, sendo *on-line*, ela permite isso.

Enfim, a ideia principal era que essa experiência deveria ser feita por nós mesmos, então aprendemos bastante e trabalhamos juntos também. Tem mais duas pessoas do grupo aqui... [no auditório] É isso.

FERNANDA SUELY MULLER (DESASSOSSEGO): Boa noite a todos. A *Desassossego* vai entrar no terceiro número agora, no finalzinho do mês de junho, ainda num processo muito artesanal. Inicialmente, recebemos os artigos através de *e-mail* e, após a revisão e formatação de acordo com as nossas normas editoriais, nós enviamos os textos para os pareceristas, professores do departamento. Quanto às dificuldades, um

dos problemas maiores tem sido conciliar e coordenar os apertados prazos dentro de cada semestre para a preparação de cada edição, mas estamos conseguindo. Ainda não entramos nesse sistema de avaliação da Capes [Qualis] – até mesmo porque estamos ainda no terceiro número –, mas estamos otimistas com o andamento da revista, apesar das dificuldades encontradas, brigas internas e conflitos entre os editores da equipe anterior; enfim, não soubemos muito o que houve, águas passadas...

MT: Isso vai ser publicado, hein! [risos]

FSM: Eu não conheço essas pessoas e só estou relatando o que nos foi exposto quando assumimos. Na verdade, a equipe dessa terceira edição começou do zero. Inicialmente, a nossa prioridade foi aquela de cuidar para que a revista não morresse, dar continuidade ao processo e fazer com que a publicação dos dois números previstos para cada ano saísse no prazo certo. E eu acho que estamos no caminho certo, pois o primeiro nós conseguimos, já estamos quase fechados. A próxima edição também já está bem encaminhada, já mandamos a chamada e até já recebemos alguma coisa... enfim, está bem interessante.

Nós gostaríamos também, mais tarde, de adotar esse sistema de editoração eletrônica, pois acreditamos que assim poderíamos diminuir um pouco do trabalho “braçal”, como tabelas e planilhas que utilizamos para controlar o processo de cada edição, e facilitar, portanto, a organização do trabalho em si. Inclusive já conversamos alguma coisa sobre isso, mas, como no momento a nossa prioridade é pelo menos a de manter a regularidade da revista, ainda não conseguimos concretizar nada nesse sentido. Contudo, apesar de a revista não ter tido até então a regularidade prevista – foram publicados somente um número no final de 2008 e outro no finalzinho de 2009 – estamos muito satisfeitos com a repercussão do trabalho e com as muitas respostas positivas que já tivemos, como artigos citados internacionalmente e a colaboração constante de

mestrandos e doutorandos portugueses, por exemplo. Ou seja, apesar de ser artesanal, a revista tem tido uma boa repercussão. Este é o nosso objetivo por enquanto, o de manter a revista nesse caminho.

ASSISTÊNCIA: Quantos vocês são?

FSM: Nós somos cinco. É um grupo bem enxuto, até mesmo porque justamente um dos problemas constatados nas últimas edições foi o número excessivo de editores que não conseguiam nem sequer se encontrar para discutir a edição de cada número. Na verdade, essa nossa equipe foi criada meio no “susto” e por acaso... Em fevereiro, nós recebemos um *e-mail* aflito, do departamento e dos professores da Literatura Portuguesa, convocando os alunos ligados ao programa de pós-graduação em Literatura Portuguesa para participar, para ver se alguém queria fazer alguma coisa, pois a revista corria o risco de desaparecer... [risos] Exatamente, no desespero. Aí, no desespero, apareceram cinco gatos pingados que foram gentilmente cooptados [risos]. Querendo ou não, curiosamente, eu sou a única participante, de forma direta e indireta, desde a primeira edição. Eu colaborei no primeiro número, no segundo número fui revisora e agora, no terceiro número, eu estou como uma das editoras.

A: Está fazendo carreira...

FSM: [Risos] Não era esse o meu objetivo, mas enfim, já que a Literatura Portuguesa precisa, estamos aí. Infelizmente, estou já no processo de sair... Em breve realizarei o meu exame de qualificação do doutorado e, como a revista tem como premissa ser uma publicação feita por e para os alunos regulares da pós-graduação, o ideal seria que os alunos ingressantes do mestrado ou mesmo do início do doutorado se interessassem em fazer parte desse projeto. Os outros editores ainda vão ficar por mais um tempinho, mas espero que consigamos engajar novos alunos nesse processo e que continue assim. Esse ano ainda eu fico

e, portanto, participarei de mais umas duas edições. Enquanto estiver por aqui, vou tentar ajudar no máximo que eu puder.

TIAGO PINHEIRO (MAGMA): Boa noite para todos. Minha experiência é uma experiência estranha, porque a revista está num formato espectral, por enquanto... [risos] É verdade, porque a *Magma* estava meio abandonada. Um dia, perguntei ao meu orientador [Marcos Natali] quando a revista saía, e ele me respondeu que não tinha previsão, porque não havia ninguém cuidando dela. Daí, resolvi falar com o professor Fábio [de Souza Andrade], que era coordenador da Pós na época, e reunimos mais quatro membros, sendo que três haviam participado do número anterior. O problema então – este talvez seja a consequência mais terrível daquilo tudo que estava sendo falado aqui – é que a revista tinha anunciado um número que não havia sido lançado. Havia uma pilha de artigos guardados, que ficaram lá, à deriva... Estávamos numa situação intermediária, de um processo do tipo: “bom, o que vamos fazer com isso?”. Primeiro, mandamos um *e-mail* para todos aqueles autores para avisar qual era a condição da revista e para saber se ainda havia interesse na publicação etc. Aí, tinha um outro problema. No começo, e por um bom tempo, a *Magma* foi uma revista séria, tinha uma periodicidade, tudo estava certo. Inclusive, vários professores que hoje estão aqui publicaram ou participaram dela, como o professor Jorge de Almeida, ou a professora Betina [Bischof]. Mas, de uns anos para cá, a revista foi cambaleando, até porque a comissão sempre mudava. Teve até o caso de uma comissão de apenas dois alunos, que mudou bastante o formato da revista, e na comissão seguinte a revista voltou ao formato anterior. Enfim, tudo muito instável.

Então achamos que estava no momento de criar um estatuto da revista, do tipo “a *Magma* vai funcionar assim”. A princípio, o que se dizia era que ela funcionava do mesmo modo que a *Literatura e Sociedade*, a revista dos professores do departamento [DTLLC], mas isso não era muito

claro. Então, a gente foi estabelecendo algumas regras e prometendo outras, porque ainda estávamos numa situação intermediária. Agora o número está praticamente pronto, mas está em suspenso, já que a *Magma* também vai passar para um formato digital. Está tudo sendo preparado, até porque a *Literatura e Sociedade* também vai passar para esse formato. Esperamos que no segundo semestre isso se resolva, para que a gente prepare outro número. Temos que reformular o grupo, porque a comissão já se dispersou um pouco.

Nós tentamos criar regras para evitar informalidades e também tentar evitar que a revista se restrinja aos alunos da USP ou do Departamento de Teoria Literária. Tentamos fazer as chamadas das publicações irem até outras faculdades, tentamos ir até “o outro”, por assim dizer. Fizemos uma entrevista com o Haroldo... não, o Haroldo, só se for psicografado [risos]... Foi com o Augusto de Campos, uma revista interessante, inclusive sobre a relação dele com a USP... Bem, vocês conhecem toda a história [risos]. Também fizemos um esforço para manter as seções, como a de tradução, que volta e meia sumia. Conseguimos duas traduções: três textos do Pasolini, muito bons, vindos da UFRGS e um conto muito bonito, de um escritor da Abkhazia, que escreve em russo, chamado Fazil Iskander. Então, tem esse tipo de variedade.

Esse número foi desgastante, porque a revista existia e ao mesmo tempo nada estava muito definido, ainda mais pensando no novo formato. É quase mais difícil do que começar do zero. Você tem que manter, porque tem uma história, e ao mesmo tempo tem que reformular, tem que ir lá e decidir certas coisas. Então, espero que agora a revista ande, a gente tem até uma “certa” pretensão de transformar em semestral... um sonho e meio! [risos] Também tem que ponderar, se não vira algo do tipo “temos que encher a revista”, e acabamos perdendo o critério de seleção. Com o formato eletrônico sempre tem a tentação de colocar tudo. Nós até estabelecemos um número máximo de



artigos para evitar isso, dar uma espécie de “rigor”, de hierarquia entre os textos.

Inclusive, eu (vamos fazer elogios também) tenho contato com o pessoal da *Criação & Crítica* e, para o segundo número, enviei um texto: tive um retorno muito interessante, vieram vários comentários, não só apontamentos ortográficos, mas sugestões com relação aos argumentos etc. A Mônica Gama, que é uma pessoa muito querida, que inclusive entrou em contato comigo para vir aqui hoje, fez um comentário na apresentação da revista que me pareceu o mais certo possível.

Estamos tentando instituir esse tipo de coisa também. Aliás, todos vocês me parecem bastante sérios... [risos] É verdade, é verdade! É importante que isso apareça. Porque, em alguns momentos – e isso é terrível –, quando estávamos chamando outras pessoas para participar da comissão, apareceu uma preocupação do tipo “isso não vai me oferecer vantagens suficientes”. Na época, eu pensava que isso já era instituído, que os alunos que participassem da comissão não poderiam publicar seus próprios artigos, e teve alguém que me respondeu: “Então isso não é vantajoso”. É complicado passar por esse tipo de coisa.

Por isso é interessante que todos tenham vindo falar aqui. Pode parecer pequeno, mas é importante esse tipo de discussão. O Mario [Tommaso] também está sempre aí, organizando coisas, aqui na Letras... É muito bom ver esse tipo de trabalho, por assim dizer, pelo bem da coletividade dos alunos de pós-graduação. Espero que a revista tenha duzentos anos [risos], também propondo debates, algo que também estamos tentando programar, com os autores que forem publicados nesse próximo número. Porque não é sempre que temos esse tipo de contato, esse tipo de diálogo. Às vezes, a gente ouve coisas como professores falando a alunos em bancas de mestrado e doutorado: "Aproveite agora, porque vão ser raras as vezes que as pessoas vão ler o que você faz. E agora é um dos poucos momentos em que você vai ter esse tipo de diálogo. Então aproveite, faça as perguntas, debata, porque depois que você entra no meio acadêmico, quando a sua carreira está fixada, isso começa a rarear. Então aproveite o doutorado para você discutir!". Terrível, terrível, isso. Deprimente, na verdade. Você começa a fazer publicações para ninguém. A revista e o debate permitem evitar isso. A Qualis é complicada, mas a exigência de publicar pessoas de fora da instituição é importante, por exemplo. Que bom se as regras partirem de nós, mas eu não acho que, a princípio, isso deva ser visto como algo monstruoso. Espero que nós, da Magma, encontremos isso...

MT: Pela ordem alfabética, e também por educação, os anfitriões são os últimos. Coincidiu, muito bem.

A gente quis promover um debate sobre a experiência de revistas publicadas, produzidas por estudantes, para lançar a *Opiniões* de um modo significativo. Na verdade, a gente gostaria de ter contado com a participação de mais pessoas, de outras instituições e faculdades. Existem muitas revistas sendo feitas, tem revistas só de alunos; tem revistas mistas, de alunos com professores; tem várias formas de se produzir uma revista e várias formas de participação de estudantes

em revistas. A gente fez uma pesquisa e viu que existem muitas revistas de estudantes da área de História e de Antropologia, falando em termos do que se pode achar no Brasil, como um todo. Não é um dado estatístico, mas é uma percepção interessante. São áreas em que ficou muito claro que existe essa demanda, além de Literatura. Nós fizemos convites a pessoas de outras faculdades, de publicações de outros cursos, mas só conseguimos trazer hoje revistas da FFLCH, talvez pela questão da distância física mesmo, talvez não, fica essa dúvida e essa falta aqui.

A *Opiniões* nasceu faz exatamente um ano, foi na greve do ano passado, e a gente ficou pronto agora, na greve de 2010. Foi de greve em greve [risos]. É uma feliz coincidência.

A: Tempo acadêmico é marcado pelas greves?

MT: É marcado pela greve... E os alunos da Brasileira fizeram essa proposta, de uma revista organizada pelos estudantes, porque houve essa solicitação, por parte dos professores do Programa, de que os alunos publicassem mais. Nossa área, a de Literatura Brasileira, já tem a revista *Teresa*, que é uma revista-livro, como a gente entende, é uma revista de excelência, que tem periodicidade não sei se anual ou bienal.

A: Somente semestral.

MT: Mas ela acaba não sendo semestral, pela quantidade dos textos, não é? Os textos são muitos. E, para atender a essa demanda maior e à solicitação de que os alunos publiquem também, nós pensamos: "vamos fazer uma revista menor, em que a gente possa ir publicando junto, acolhendo até os textos que não couberem na *Teresa*, para incrementar essa produção da área". Além dessa questão da necessidade dos alunos publicarem, a gente recebeu alguns relatos de alunos que enviaram textos para outras revistas, por aí, Brasil adentro, e foram recusados pelo mero fato de serem

alunos. Não sei se isso entra em algum critério “qualis” ou “quantis”, algum critério muito de titulação, de “carteirada”, mas tem acontecido. Por isso decidimos fazer uma revista que possa acolher, sim, textos de alunos e também um espaço para a gente aprender – o que a gente se propôs desde o início foi aprender.

A participação, então, é aberta a todos os alunos da Brasileira e de outras áreas também. A cada reunião, a gente convida todos os alunos e todos os professores por *e-mail*. Nunca nos colocamos como um grupo fechado, isso por decisão própria mesmo. A gente envia também as atas de todas as reuniões para todos. Então o processo é totalmente transparente, aberto, é um esforço, pelo menos, para constituir uma revista democrática. Não tem nada escondido nessa revista! [risos]

A questão da avaliação, a gente pensa da seguinte forma: os critérios com os quais a gente concorda são seguidos; os critérios que não são bons, a gente faz questão de não seguir.

Por exemplo, tem um critério lá, que eu não sei de cor – não vou perder tempo decorando essas coisas – que é o critério de “estrangeiridade”, de que “a coisa gringa vale mais”. Ok. Uma das primeiras contribuições que a gente recebeu para a revista foi de uma universidade, agora não me lembro, se foi do Arizona ou do Texas, veio de um lugar bem chique. E foi uma contribuição que não tinha nada a ver com literatura, nada a ver com nada. Era uma fotografia de três freiras dentro de um aeroporto, pedindo informação numa joalheria, com jeito de que estavam perdidas. Não era uma foto posada, era uma espécie de flagrante. A foto vinha com uma legenda banal, sugerindo que elas estavam comprando joias caras. Ia ser mesmo uma joia caríssima para a revista! Se a gente publicasse, poderia concorrer a uma nota “A”, seríamos os primeiros na gincana, mas por que a gente publicaria alguma coisa que não tem nada a ver? E provavelmente teríamos pontos, seríamos uma publicação estrangeira, segundo esse padrão

de avaliação. É um exemplo extremo, eu sei. Mas ocorreu de fato e mostra a bobagem que é o critério em si. Recebemos também artigos sérios do exterior, mas que eram fracos também.

Claro que há pontos com as quais a gente concorda, que são recebidos como uma sugestão, digamos. Por exemplo, nós achamos – porque chegamos à conclusão, discutindo muito nas reuniões –, que é muito interessante, sim, ter uma cota para pessoas de outras instituições, ter essa composição mais plural da revista. A gente não conseguiu, nesse primeiro número, ter a quantidade que gostaria de autores de fora da USP. Aliás, nem nessa mesa nós conseguimos! [risos] Mas isso é uma coisa a ser trabalhada nas próximas edições. Este é o primeiro número, saiu com vários probleminhas, e assim a gente vai melhorando aos poucos. A gente sabe que o progresso é um conceito datado do século XVIII [risos], mas acredita que o número dois vai ser melhor que o número um.

A gente optou, sim, por fazer impressa a nossa revista. A versão virtual está sendo agilizada, mas a identidade da revista é impressa. Essa opção foi feita porque, primeiro, a gente também recebeu relatos de alunos que já publicaram em revistas virtuais e simplesmente o texto sumiu, não existe mais e não ficou nenhuma comprovação de que aquele texto foi publicado. E, pior do que não ter comprovação, é saber que o texto não está circulando, porque nós queremos ser lidos, não é? Então eu acho que a publicação em papel dá essa materialidade para a coisa, e uma certa estabilidade. A gente ainda frequenta a biblioteca todo dia – quando não está em greve. Aliás, a gente procura outras bibliotecas, quando a nossa não está disponível. O livro, além disso, ainda é um objeto de troca, a gente oferece para as pessoas, quando publica. E o livro tem um *status*, também: as pessoas publicam na *internet* visando a publicar em livro; sobre os *e-books*, não sei o quanto eles realmente funcionam como livro mesmo, como o livro que a gente conhece. Ao menos por enquanto,

não são para a maioria. Sabemos também que, por dar menos lucros aos editores, os livros editados somente no virtual ainda são os mesmos *best sellers*. Por tudo isso, a gente preferiu a publicação concomitante em papel e na *internet*, para ter essa facilidade da divulgação, para a revista poder chegar mais longe. Foram 500 exemplares e tudo vai estar também disponível na rede, assim que ficar pronto o domínio. A identidade, de qualquer forma, é a do papel. A pessoa vai poder imprimir, como se tivesse uma cópia (aliás, a gente ainda tira várias cópias por aí, e as impressoras e cartuchos piratados vendem muito bem – o papel não morreu...).

Nós acreditamos muito no aspecto de processo, da revista como um fazer, não necessariamente como resultado final, como já foi falado aqui. É um aprendizado duplo: da produção material, da constituição como grupo, da viabilidade institucional, de receber os textos, de estar aberto para as contribuições, de não fazer essa seleção apriorística, essa seleção de grupo, de convidados, de favores – e isso o festejado sistema de pares não elimina por si só, caso não exista um trabalho editorial de regulação. Por exemplo, devo dizer que recebemos, para o número um, alguns pareceres, positivos ou negativos, absolutamente injustificáveis. Por isso, ao mesmo tempo, existe um aprendizado, sim, da qualidade, o aprendizado de elaboração dos pareceres, de ter essa função educativa interna e externa, no sentido do valor das ideias, mesmo. É preciso dar aos autores, como o Tiago [Pinheiro] falou, a devolutiva dos textos. Então, se o parecer é negativo, por que ele é negativo? Se é positivo com restrições, quais são os critérios de valor que a gente pode estabelecer para os textos? Falo isso porque acho que fazer a revista não é só para aprender que a resposta demora para chegar. Às vezes, quando ela chega, vem torta, e não há como justificar a má vontade. Então vamos batalhar, quando estamos do lado de quem faz, para dar respostas qualificadas.

Enfim, por enquanto é isso, vamos abrir para as perguntas. Alguém de vocês quer dizer alguma coisa?

TP: Algumas coisas que me preocupam, não sei se vocês já viram isso, chamadas de revistas desse tipo: “os artigos de mestrados e de doutorandos só serão aceitos se o orientador vier como coautor”. Isso é muito perverso! É perverso porque é uma estratégia para a revista aumentar o número de doutores publicados, para elevar a sua nota...

MT: Porque aí o doutor também tem mais publicações no seu nome. É um círculo.

TP: Exatamente, porque o orientador pode entrar numa de que para ele é benéfico também. O aluno passa como se fosse um mero veículo, né?

SM: Isso é muito comum no caso das ciências duras, é complicado...

TP: Aí tem a ver com a especificidade de cada área... Eu consigo imaginar, por exemplo, um *paper* na Química no qual n alunos participam de um experimento e que, por isso, o artigo sai com 30 autores... Aí temos que nos perguntar sobre a especificidade desse tipo de texto, radicalmente diferente dos nossos. Talvez a Sociais ou a Geografia tenham algo parecido...

AKS: Não, não têm.

MT: A gente deve ter pessoas de outras áreas, aqui, pra contribuir. Sei de muita gente de exatas que também não está feliz com a avaliação, com essa engenharia da pesquisa. Se alguns enxergam neles uma espécie de modelo para o conformismo, precisamos saber que não é bem assim.

TP: Para nós tem um custo também, o perigo da “ditadura do artigo”, do artigo que vale mais que o livro. Tem uma especificidade que é esquecida, nós não



podemos esquecer a deles, mas eles não deveriam esquecer a nossa, e, em geral, é a nossa que é esquecida. Eu queria fazer esse tipo de adendo também, porque tenho visto muito isso. É esse tipo de coisa que prova a importância das revistas dos alunos. Nesse sentido, corre-se o perigo de que, se os alunos não fizerem as revistas dos alunos, o aluno acaba não conseguindo publicar sem o nome do professor. A Linguística tem um pouco desse problema também.

MT: Infelizmente, o tempo está curto, e daqui a pouco vamos ter que liberar a sala para a aula. Então aqui nós

temos cachaça e biscoitinhos, além das revistas, é claro. Podem se servir. [Aplausos]

XXX

Nosso debate teve uma continuação, via e-mail, para esclarecer questões que ainda ficaram no ar. Seguem, nesse novo contexto, os novos comentários.

MT: Eu queria fazer uma última observação. Porque me preocupa, de fato, essa euforia com os sistemas

eletrônicos de editoração. Eu não acho que o principal problema de produzir uma revista seja esse lado, vamos dizer, processual do trabalho. Claro que cansa um pouco, é uma coisa que exige uma inteligência prática – a gente sabe que ela não é muito comum nas humanidades. Está certo, é chato enviar e receber mensagens, divulgar chamadas, cobrar os pareceristas, negociar prazos, ser gentil com os autores, com os colegas... Mas, sinceramente, eu acho que isso é o de menos. Para vocês que estão a par dessa modalidade nova: como fica, por exemplo, o trabalho do editor nesses sistemas?

AKS: Em primeiro lugar, não vejo como uma ferramenta técnica poderia minorar o trabalho dos editores, ao contrário. Acho que só ajuda. Mesmo que, no caso do SEER, o processo de submissão e avaliação dos trabalhos se torne automatizado, digamos assim, os editores continuam desempenhando o papel que, sem um sistema desse tipo, é feito artesanalmente: todas as etapas do processo dependem da aprovação dos editores, e são as pessoas que programam o sistema. Penso que o uso de uma ferramenta técnica como o SEER pode dar mais dinamismo ao processo, evitando atrasos e esquecimentos, pois o sistema cobra os prazos dos envolvidos automaticamente, autores, editores e pareceristas.

Na minha opinião, é uma visão um tanto ingênua pensar que, com a automatização do processo, o trabalho humano será substituído pelo das máquinas... Afinal, como disse o poeta, o cérebro eletrônico faz tudo, ou quase tudo... Lembro também que Walter Benjamin, há mais de 70 anos, se colocando contra os críticos de arte que não conseguiam ver no cinema, arte tecnicamente reproduzível, qualquer valor estético, já havia dito que a verdadeira tarefa histórica do cinema seria tornar o gigantesco aparato técnico de nosso tempo “invenções” do corpo coletivo ao exercitar novos modos de percepção (e ele estava falando de Chaplin e Disney, não de Eisenstein e Buñuel, que fique claro). O uso de ferramentas eletrônicas, a meu ver, é um exercício do mesmo tipo. A questão não é saber se a tecnologia é

boa ou ruim, pergunta que não faz qualquer sentido; os usos que são feitos dela é que devem ser questionados, pois a tecnologia pode servir tanto para aprisionar quanto para libertar o homem, penso eu.

Na minha opinião, a recusa em utilizar um sistema eletrônico hoje em dia é uma postura no mínimo conservadora e elitista, pois não consegue perceber o potencial de democratização e disseminação do conhecimento que a *internet* oferece. Uma revista publicada eletronicamente consegue atingir um público infinitamente maior e muito mais rapidamente do que 600 exemplares distribuídos em prateleiras poeirentas...

Em segundo lugar, como disse, revistas acadêmicas de alunos devem sim privilegiar o lado processual do trabalho. É óbvio que não em detrimento da qualidade do produto final, que fique claro. Penso que revistas de alunos de pós-graduação são uma ótima oportunidade que temos para nos iniciarmos e exercitarmos nas artes da editoria, habilidade esta que pode ser bastante útil para quem está orientando sua carreira para o mundo acadêmico, ou mesmo quem pretende trabalhar no mundo editorial. Focar no processo significa entender como funciona o recebimento de contribuições, sua avaliação, o trabalho de editoração e diagramação, o processo de impressão... Qual o problema em entender isso?

Bom... Essa é apenas minha opinião, pois, como diria o velho Rosa em vezes de Riobaldo, pão ou pães...

FR: Concordo com a posição do André. O sistema não substitui, de forma alguma, o processo de criação da revista, nem mesmo suas etapas. Serve, portanto, como uma ferramenta que possibilita uma gestão melhor dos artigos, o encaminhamento mais fácil aos pareceristas e a observação de prazos. Funciona como um facilitador. A etapa de diagramação continua a ser manual, pois o sistema não edita ou formata os artigos da revista. Logo, a tarefa de operar essa “máquina” cabe ao conselho editorial, que define quais pareceristas vão ser

consultados e, por fim, quais artigos aceitos irão compor o número da revista. Assim, o sistema de edição de revistas funciona mais como um secretário burocrático, algo que dá ordem a uma papelada e permite que os editores se concentrem na tarefa de pensar a revista.

MT: Vou falar de coisas que acho necessárias e, aliás, urgentes, pois vejo que essa discussão ficou cheia de desvios. Talvez tenha me colocado mal, vou reformular. Quando aponte para a euforia com os sistemas eletrônicos, o que notei foi o seguinte: no debate, foram levantados vários problemas que não dizem respeito diretamente ao trabalho “braçal”, como disse a Fernanda. E, no entanto, um programa de computador que resolve apenas essa parte fica sendo enfatizado como se fosse a tábua de salvação. Para mim, este é o equívoco. Quer dizer que os verdadeiros problemas eram técnicos? Não foi isso que os depoimentos deram a entender. Parece que a argumentação caminha para um lado e a conclusão muda de assunto. Seria, de fato, muito elitista, como disseram, recusar o meio eletrônico. Além de quixotesco, não há dúvida. Não há mais espaço para o ludismo... O que me parece que alguns não estão distinguindo claramente é a diferença entre “edição eletrônica” e “sistema eletrônico de editoração”.

Mais pareceristas entregarão no prazo se forem cobrados por uma mensagem automática, e não por uma pessoa? É muito curioso. Outra coisa que podemos notar é que as revistas que seguem um sistema assim são todas idênticas. Talvez Chaplin, que o André lembrou, o Chaplin de *Tempos modernos*, com alguns acréscimos e adaptações, explique. Parece que são, dezenas delas, a mesma revista. Isso faz lembrar também o elitismo daqueles governantes que entendem como política de habitação fazer milhares de casas iguazinhas...

E se eu quiser propor uma seção nova? Por exemplo, há uma que estamos tentando preparar, em que autores de ficção vão discutir os seus textos com críticos. E se a gente decidir que quer ter uma identidade visual que

não é a da coisa enlatada, já pronta? Há várias revistas que são eletrônicas e que não são engessadas por um sistema. Nós trouxemos o exemplo da *Criação & Crítica*. A revista tem identidade e se renova a cada número. Ela não quis, por enquanto, ser alojada por um processo de massificação. Nós também estamos colocando a *Opiniões* no ar.

Devo lembrar, no entanto, que há vários escritos empoeirados em papel, mas muitos também na *internet*. Porque são tantos, e tão repetitivos... Por isso que a *internet* só representa maior quantidade de acessos se houver também um trabalho pela socialização no seu meio próprio. Ela não atenua o controle das instituições, na medida em que estas agem tanto nos hábitos quanto nas ideias. Nem papel, nem *bits* garantem por si sós a leitura. Enfim, devo reiterar que minha pergunta não tem nada a ver com a discussão da “libertação” ou “prisão” do homem pelas máquinas. Minha questão é que o sistema eletrônico é um meio como qualquer outro, não uma panaceia. Se vocês me respondem que o trabalho dos editores é o mesmo, posso dizer que os desafios reais continuam.

Para mim, o maior desafio de uma revista, e o mais importante significado educativo da sua prática, é o trabalho intelectual. Ou seja: participar de um grupo que trabalha para as pessoas publicarem. Qual o significado disso? Parece uma coisa simples, mas não é. Esse grupo tem de se reinventar a cada momento, há sempre muita negociação interna. Há uma produção coletiva do valor que precisa ser constantemente discutida e fundamentada. Em grupos fechados ou entre amigos, talvez isso não se coloque. Mas, numa universidade, devemos fazer algo mais. O Tiago [Pinheiro] falou bem sobre isso no debate (cabe lembrar, ainda, que é por conta dessa religião em torno da tecnocracia que se torna possível algo como uma universidade virtual, que já é realidade. E que se inicia justamente com licenciaturas. São muitas ironias. Por exemplo: sob o pretexto de ser mais acessível, esse “curso” estreou na

TV Cultura na mesma semana em que ela sofria uma tentativa de desmonte e tinha sua programação reduzida por corte de verbas).

Estamos discutindo no meio eletrônico, e isso é bom, mais pelo verbo do que pelo adjunto, pois é evidente que “a tecnologia em si não é boa nem ruim”. Então vamos falar dos seus usos. A ideia de que tudo se resume a algo como “a tecnologia nos torna livres” é de uma grande despolitização. No caso específico da produção de periódicos, ela não resolve o problema da transmissão de saberes entre editoriais nem a questão do vínculo com o projeto, que foram temas levantados nesse debate. Ela não altera o caráter voluntarista e episódico do trabalho tal como ele tem sido vivido. Ela não é um desfecho para a situação de instabilidade institucional que a maioria dos estudantes descreveu. Ela não diz nada sobre a finalidade do trabalho. Refugiar-se nela é tão despolitizador quanto obedecer aos programas de avaliação em troca dos seus pequenos prêmios.

O trabalho dito “braçal” consome um tempo que pode ser economizado, mas é o que menos cansa, porque pede menos energia mental, não precisa produzir nada novo. Não precisaríamos nos libertar dele só para nos conformarmos aos outros lugares da repetição. Será que vamos escrever textos melhores, trazer discussões ao nosso tempo, à realidade de agora, deixar de ouvir discussões do século XIX onde elas não estão, só por ter de enviar alguns *e-mails* a menos? Em alguns casos, parece que não.

Quem deve decidir como é feita cada revista é um grupo que se constitui para isso. É legítimo que muitos queiram um só tipo de pão. Nós somos pelos pães. Acho que um periódico envolve problemas técnicos, mas fazer um periódico não é uma questão técnica. Os problemas são humanos. Nós, das humanidades, podemos contribuir melhor para esse debate.

Nota

¹ Participaram do debate membros da comissão editorial das revistas: *Opiniões* (Mario Tommaso, DLCV-USP), *Angelus Novus* (Fernando Ribeiro, DH-USP), *Cadernos de Campo* (André-Kees Schouten, DA-USP), *Criação & Crítica* (Samira Murad, DLM-USP), *Desassossego* (Fernanda Suely Muller, DLCV-USP) e *Magma* (Tiago Pinheiro, DTLLC-USP)